

Mesoamérica-Sertão um pouco de análise mítica

Roberto Lima¹

Professor adjunto/Universidade Federal de Goiás

Resumo

Este texto quer trabalhar rapidamente dois exemplos de construção de imaginário da nação que se desenvolveram nos dois mais extensos países da América Latina, Brasil e México. Considera-se que sertão e mesoamérica são dois mitos da construção desses dois estados-nação, respectivamente. Partindo de fragmentos de algumas narrativas, são escolhidos e analisados alguns mitemas para mostrar, nas suas cadeias de relações, algumas semelhanças e diferenças entre esses dois mitos fundadores que ao fim se percebem partes de um mito maior: da conquista, colonialismo e modernidade.

Palavras-chave: Sertão; Mesoamérica; Análise mítica.

Abstract

In this article I intend to quickly expose two examples of nation's imaginary construction developed in the two largest Latin America nation-states, Brazil and Mexico. It is considered that *sertão* and mesoamerica are two myths of the construction of these two nation-states, respectively. Starting from some narrative fragments, I chose and analyzed some mythemes, in their chains of relationships, to show similarities and differences between these two founding myths. In the end, they are noticed as parts of a larger myth: from the conquest, colonialism and modernity.

Keywords: Sertão; Mesoamerica; Mythical analysis.

Quando Benedict Anderson intitulou seu livro de 1983 de “comunidades imaginadas” ele, além de fazer um excelente trabalho sobre a gênese dos nacionalismos, criou uma feliz expressão que virou parte do léxico e às vezes do senso comum das Ciências Sociais. Como observa Partha Chatterjee em um texto crítico, nos anos seguintes vários livros de autores

1 Bolsista de Pós-doutorado da Capes. E-mail: nadanacuca@gmail.com

importantes foram lançados com temas relacionados à nação, incluindo aí dois livros de Chatterjee (*Nationalist Thought and the Colonial World* – 1986 – e *The Nation and its fragments* – 1993) e um de Eric Hobsbawm (*Nations and Nationalism since 1780* – 1990). Também o influente ensaio de Stuart Hall, *A questão da identidade nacional* (1995 [1992]), tem sua terceira seção intitulada “culturas nacionais como comunidades imaginadas”, o que ajudou ainda mais a difundir o conceito. Como sempre na antropologia, quando se lança um problema interessante para um contexto, outros autores se colocam tentando ver a sua aplicabilidade em outros contextos. Assim, o problema que se mantém é entender tanto os processos quanto as configurações dessa imaginação para outros lugares.

Este texto quer trabalhar rapidamente dois exemplos dessa imaginação que se desenvolveram em dois países com trajetórias às vezes parecidas e outras diferentes, Brasil e México. Considero que sertão e mesoamérica são dois mitos da construção desses dois estados-nação, respectivamente. A partir de alguns mitemas, pretende-se mostrar algumas semelhanças e diferenças entre esses dois mitos fundadores dos dois estados-nação que ao fim se mostram partes de uma mitologia maior.

Este texto tem dois pontos de partida. O primeiro é uma afirmação de Lévi-Strauss em *A estrutura dos mitos* quando ele afirma que não há nada mais parecido com os mitos das sociedades primitivas que a moderna ideologia política.

Uma comparação ajudará a precisar esta ambiguidade fundamental. Nada se assemelha mais ao pensamento mítico que a ideologia política. Em nossas sociedades contemporâneas, talvez essa tenha-se limitado a substituir aquele. Ora, o que faz o historiador quando evoca a Revolução Francesa? Ele se refere a uma sequência de acontecimentos passados, cujas consequências longínquas se fazem, sem dúvida, ainda sentir através de toda uma série, não reversível, de acontecimentos intermediários. Mas para o homem político e para os que o seguem, a Revolução Francesa é uma realidade de outra ordem: sequência de acontecimentos passados, mas também esquema dotado de eficácia permanente, permitindo interpretar a estrutura social da França atual, os antagonismos que nela se manifestam, e entrever os lineamentos da evolução futura. Assim se exprime Michelet, pensador político e historiador ao mesmo tempo: *naquele dia, tudo era possível... O futuro esteve presente... ou seja, mais tempo, um relâmpago da eternidade* (Lévi-Strauss 1989: 241, grifos no original).

Lévi-Strauss tocou numa questão que será trabalhada posteriormente por vários pesquisadores,² essa percepção da ideologia que sustenta a nação como algo muito próximo ao pensamento primitivo, que atua de forma às vezes mágica ou fetichista em sua articulação com o Estado (como em Taussig (1995)). Uma criação não apenas moderna, mas muito recente que, contudo, lança uma aura de eternidade e naturalidade sobre sua existência.

O segundo ponto de partida é uma lembrança. Ainda na graduação, há uns 25 anos atrás, fiz uma disciplina com Mireya Suarez em que ela lançava a ideia à época escandalosa

2 Bhabha começa seu *Nación y narración* assim: “As nações, como as narrações, perdem suas origens nos mitos do tempo e só tornam seus horizontes plenamente reais no *olho da mente*” (2010, grifo no original). Por outro lado, Jameson (1992) busca no mesmo texto citado de Lévi-Strauss as bases para propor uma unidade de análise ainda maior que os famosos mitemas: o ideograma que seria a base da análise da ideologia.

de que o sertão era um mito, ou nas palavras dela, discorrendo sobre sua chegada a Brasília nos anos 1970:

Foi neste contexto e nesse tempo que percebi que o *sertão* e o *sertanejo* não eram termos usados para referir-se apenas a uma região e a uma tradição, mas elementos constitutivos do pensamento social que constrói a ideia de nação brasileira. Muito embora o pensamento social recorra a esses termos para marcar os contornos da nação, o poder significante de *sertão* e *sertanejo* transcende esse pensamento para atuar no campo da narrativa mítica (Suarez 1998: 33, grifos no original).

Talvez porque àquela época eu ainda não tivesse pensado (no sentido de enfrentar a questão) a respeito disso, essa ideia encontrou um lugar vago na minha consciência e eu acabei achando-a muito natural: não entendia porque pessoas muito inteligentes que eu conhecia, muitas delas ligadas à academia, não conseguiam ver algo tão evidente.

Posteriormente a esse contato via Mireya Suarez, por vários anos eu estudei o “sertão”. Em alguns momentos eu estudava “no” e em outros “o” sertão sem diferenciar muito o que isso significava, como o personagem que se comunicava em prosa sem o saber. Assim, por exemplo, quando fui estudar “no” sertão, isto é, fazer as pesquisas de campo do mestrado e do doutorado, não interiorizara ainda que boa parte de minha vida eu havia vivido, em um ou outro sentido, “no” sertão (em Brasília-DF e Campinas-SP, por exemplo).

Mas o que realmente me fez entender a magnitude da dificuldade dos brasileiros em se colocar em uma relação analítica para com o sertão (como mito ou como ideia) foi quando fui morar no México e surgiu na minha frente como um coice a mesoamérica.

Aquilo era ao mesmo tempo similar ao sertão (constitutivo e negado) e oposto (visível na grandiosidade de seus monumentos e supercivilizado).

Brasil e México: sertão e mesoamérica?

Brasil e México têm varias coisas em comum. São os estados-nação da América Latina com maior território e os mais populosos. São também as suas maiores economias. Em comum com outros países da América Latina, Estados e governos desses dois países compartilham a fé cega nas “sete teses equivocadas sobre a América Latina” que Stavenhagen denunciou em 1965 no texto em que ele discutia as diversas faces do colonialismo interno no pensamento social sobre os estados-nação da região. Os dois países tiveram terríveis décadas de 1990. Em ambos os países o neoliberalismo foi catastrófico às populações autóctones, tradicionais e urbanas pobres, assim como significou a dilapidação do patrimônio público. Mas como chegaram a isso e como emergiram foi bem diferente.

México começa o século 20 com uma revolução camponesa que o transformou de norte a sul. No Brasil, os eternos acordos das elites nunca permitiram mais que golpes de estado. Em nenhum momento na história do Brasil as estruturas territoriais, de classe e de estratificação foram colocadas em risco. Mas houve uma herança do período colonial que em nenhum dos dois países foi realmente enfrentada: o racismo.³ Embora o “objeto”

3 Concordo com Quijano no caráter fundante do racismo na modernidade: “o novo sistema de dominação

da abjeção seja diferente aqui e lá, os negros e os indígenas, em grande medida as práticas se parecem.⁴

Meu problema neste texto, como já disse, são dois mitos: sertão e mesoamérica. Chamo-os de mitos e não de narrativas míticas porque de ambos temos uma enorme quantidade de narrativas, algumas mais completas ou complexas que outras, mas, diria Lévi-Strauss (1989: 250), todas válidas. Também, como vai ficando cada vez mais claro, para cada um dos dois, não temos nem a narrativa original nem acesso ao mito em si, mas apenas às diversas narrativas.

Aqui devo também distinguir mito e ideologia. Os mitos são uma maneira de explicar o mundo tal como ele é e assim é principalmente apreendido ou vivido de forma emotiva e resistente à análise. Neste sentido os mitos se aproximam da equação “ideias e valores” que permeia a definição de ideologia, contudo esta última se distingue por ser uma narrativa que oculta a dominação e/ou exploração, algo que nem sempre está presente nos mitos (mas que também não impede que mitos venham a ser agenciados para fins de dominação):

[uma afirmação é ideológica quando] é funcional com respeito a alguma relação de dominação (“poder”, “exploração”) de maneira intrinsecamente não transparente: *para ser eficaz, a lógica de dominação da relação de dominação tem que permanecer oculta* (Zizek 1999: 12-13, grifos no original).

Antes de começar a analisar as narrativas, nos dois casos, sertão e mesoamérica, é interessante perceber como há uma curiosa similaridade quanto à participação no Estado, mas são distintas as formações dos narradores privilegiados na produção de saber e existe uma diversa orientação nos lugares ocupados por esses autores quando na produção de discursos concernentes à ideia de estado-nação. Como observa Selma Sena (2003), seguindo por sua vez Antonio Candido (1967), no Brasil a tarefa da construção da nação esteve a cargo da literatura muito antes dos cientistas sociais: os famosos ensaístas. Neste sentido é interessante ver ainda que nomes fundamentais para o mito do sertão estiveram ligados ao Itamaraty (por exemplo, os mais famosos narradores do sertão, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, ligados ao departamento de fronteiras, mas também João Cabral de Melo Neto e Sergio Buarque de Holanda – embora este último não fosse do quadro do Itamaraty, foi contratado para a Cátedra de Estudos Brasileiros na Itália). No caso de mesoamérica, voltaremos adiante nisso, temos arqueólogos e antropólogos (como Manoel Gamio, Moises Sáenz, José Vasconcelos e outros) atuantes na Secretaria de Educação Pública, correspondente mexicano a nosso Ministério da Educação. Isso indica, como ficará mais claro, que o sertão de alguma forma é um problema de limite, enquanto a mesoamérica é uma ferida central.

Também se tem de dizer que sertão é uma palavra presente na história do Brasil desde o começo da invasão portuguesa e sobre sua etimologia há um longo debate (ver, por exemplo, Galvão (2001: 16) e Sena (2003) a seguir), enquanto que mesoamérica foi um termo criado por um arqueólogo, Kirchoff (2000), que o postulou para resolver um problema heurístico. Contudo, como constata Ignacio Rodríguez García (2000) na apresentação de um número da revista *Dimensión Antropológica* totalmente dedicado a discutir a “atualidade

social [moderno-colonial-capitalista] teve como elemento fundador a ideia de *raça*. Esta é a primeira categoria social da modernidade” (Quijano 2005: 17).

4 Para uma introdução ao racismo em México, ver, por exemplo, Trueba (2009).

e idoneidade” do “conceito” (para Kirchhoff e para García) de mesoamérica, aparentemente o nomeado estava lá pronto para o batismo, de tal maneira que o termo imediatamente foi adotado, tornou-se central à pesquisa antropológica e arqueológica no México e muitos projetos e carreiras acadêmicas se centraram e se desenvolveram apoiadas nele.

Duas duplas de séries: tempo e espaço, barbárie e civilização no sertão e em mesoamérica

Vou tomar como narrativa de partida do sertão uma narrativa incomum para uma análise de um mito, o livro de Selma Sena (2003) em que ela se propõe a analisar as narrativas do dualismo que permeiam o pensamento social Brasileiro.⁵

Essa escolha pode parecer estranha, mas ela se justifica no próprio esforço da autora de pensar as diversas ficções narrativas da nação no Brasil, das quais, para a autora, o sertão é uma das mais importantes. Sena (2003) vê no dualismo a relação mais importante para a formação do pensamento social brasileiro. Na atitude de *bricoleur* adotada por ela, o dualismo por sua ubiquidade aproxima-se de um operador lógico que permeia todas as narrativas sobre o Brasil,⁶ sejam as dos ensaístas, sejam as dos cientistas sociais e economistas. E o sertão é um dos mitos que fazem parte desse *corpus*, aquele que se centra na ideia de região.

Então apresento aqui um trecho da narrativa em que os primeiros mitemas dos quais gostaria de me ocupar são apresentados como fortemente ambivalentes na descrição do sertão:

a etimologia da palavra sertão – *sartaão, certão* – usada pelos navegantes portugueses para designar o interior da África e do Brasil, em oposição ao mar e ao litoral, aponta para um lugar distante, vazio, isolado, inóspito, desconhecido, e subsequentemente, rude, atrasado, decadente e inferior. A essa desvalorização simbólica dos espaços do sertão, viria se juntar, ainda nos primeiros momentos do processo de construção do território brasileiro, a dimensão positiva de vazio a ser conquistado e ocupado, referente de grandeza de nosso patrimônio geográfico (Sena 2003: 117, grifos no original).

Neste trecho, os mitemas que formam o paradigma do dualismo têm uma face temporal marcada (é (1) atrasado e (2) decadente), uma espacial (é (3) distante, (4) isolado e (5) vazio) e outra valorativa que se soma e requalifica as duas outras (é (6) rude, (7) inóspito e (8) inferior).⁷

Uma questão teórica que se pode chamar a atenção (para criticar meu argumento) é a diferença nos verbos que articulam os mitemas. Lévi-Strauss, ao propor os mitemas

5 Também este texto é uma pequena homenagem a essa autora que acaba de se aposentar de nossa universidade.

6 Só para separar, estou-me referindo aqui ao dualismo que permeia as narrativas do nacionalismo brasileiro, e não ao dualismo fundamental ao pensamento humano que advoga Lévi-Strauss.

7 Para não ficar repetitivo, enumerei os qualificativos 1 a 8 como predicados de 8 mitemas começados com o mesmo sujeito e verbo: o sertão é...

através dos quais constrói as séries paradigmáticas de sua análise, apresenta-nos frases com verbos de ação, enquanto que aqui estamos em frente a cópulas e verbos de estado. Contudo, aparentemente essa transformação do tipo de verbo dos mitemas relaciona-se diretamente a este pensamento mítico subjacente à ideologia política que ele apresenta pelos exemplos vindos de Michelet (que também se centram nos verbos ser e estar).

Na construção da sensação de indecidibilidade operada pelo solapamento da temporalidade dos mitos que são ideologicamente ativados na construção do discurso do estado-nação, a recorrência desses verbos e fórmulas declarativas parece ser um dos alicerces da construção do ideal de perenidade e naturalidade dos estados-nação.

Retornando ao sertão, todos os mitemas presentes no trecho se relacionam a outros tantos ocultos que qualificam o “litoral” como moderno, civilizado, etc. Neste caso, Sena chama atenção para o claro viés evolucionista que permanece, como no adágio “o passado é um país distante”, unindo tempo e espaço e que foi expresso, por exemplo, por Euclides da Cunha em vários momentos de seu *Os Sertões*:

Prossigamos considerando diretamente a figura original dos nossos patrícios retardatários. Isto sem método, despreziosamente, evitando os garbosos neologismos etnológicos. [...]

Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias, que tivemos quando, de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão — abandonados — há três séculos (Cunha 1984: s/p.).

Ou ainda:

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos... (Cunha 1984: s/p.).

Ou seja, resumindo até aqui, teríamos quatro séries paradigmáticas de afirmações (cada uma centrada em: tempo, espaço, barbárie, civilização) que se vão combinando de forma às vezes direta e outras, invertida. Assim, a relação sertão/litoral, em que se poderia afirmar para o polo sertão tempo/atraso = espaço/fronteira interior, tem uma série bastante grande de variações, como o “sudestocentrismo” que Sena questiona, ou variações locais que mantêm a oposição com novos significados (por exemplo, metrópole regional x cercanias) de maneira que em Goiás houve a expulsão do sertão para o estado do Tocantins (ver Sena & Lima (2005)) e é comum ouvir em Goiânia a frase “sou do interior de Goiás” (i.e. o falante

não é da capital, afinal, Goiás é, por definição geográfica, interior) ou em Fortaleza, no estado do Ceará, “Camucim é sertão” (sendo que a referida cidade é litorânea).

Mas o sertão sempre está à frente ou atrás no espaço, sempre é atrasado no tempo e precário em sua composição e construção, e aqui cabe lembrar ainda a famosa caracterização de Euclides da Cunha, a Troia de taipa:

Com efeito, ali, totalmente diversos na origem, os atuais povoados sertanejos se formaram de velhas aldeias de índios, arrebatadas, em 1758, do poder dos padres pela política severa de Pombal. Resumindo-nos aos que ainda hoje existem, próximos e em torno do lugar onde existia há cinco anos a *Troia de taipa* dos jagunços, vemos, mesmo em tão estreita área, os melhores exemplos (Cunha 1984: s/p., grifo meu).

Talvez seja justamente a conjunção desses três aspectos que deixam um analista brasileiro perplexo frente à ideia de mesoamérica.

Ao contrário do que ocorreu com o vocábulo sertão, que tem etimologia disputada, mesoamérica é um termo que tem autor. Foi criado por Paul Kirchhoff (2000) em artigo de 1943 (republicado na *Dimensión Antropológica*) com a intenção de dar conta de uma determinada região que engloba centro-sul do México, Guatemala, Belize, Honduras e Nicarágua e seria demarcada por determinados ramos linguísticos, presença e ausência de traços culturais característicos. Tratava-se de tentar adscrever uma unidade a uma *civilização*. Essa questão é importante porque no caso de mesoamérica a disputa por significado foi de outra ordem, e o termo rapidamente foi absorvido pelos arqueólogos (e antropólogos) mexicanos que viram nele um diferencial frente a outras arqueologias e antropologias nacionais.

Paradoxalmente, essa adesão ao termo foi mais identitária que analítica, transformando rapidamente o termo em algo refratário à análise. O termo caiu como uma luva para o chamado “problema mexicano”, o dilema racialmente informado entre um projeto moderno europeizante e uma população marcadamente indígena, tanto nas leituras decorrentes da revolução de 1910 quanto nas posteriores leituras de cunho pós-colonial. Aliás, pouco antes de morrer, Kirchhoff retomou essa questão, lamentando que, se muitos adotaram o termo mesoamérica, ninguém o desenvolveu sistematicamente (Kirchhoff 2000).

Diferentemente do Brasil, em que a mitologia do estado-nação foi elaborada em grande parte por literatos e os famosos ensaístas, no México pós-revolucionário essa tarefa foi assumida em grande medida por cientistas sociais, como o arqueólogo Manuel Gámio e antropólogos como José Vasconcelos e Aguirre Beltran que assumiram postos-chave na administração pública e também produziram obras de referência as quais, se têm sido contestadas, não por isso perderam totalmente o interesse.⁸

Tomo como ponto de partida para o México a primeira página do conhecido livro *México profundo*, do mais instigante formulador recente do mito mesoamericano, Bonfil Batalla:

Partamos de un hecho fundamental: en el territorio de lo que hoy es México surgió y se desarrolló una de las pocas civilizaciones originales que ha creado la humanidad a lo largo de toda su historia: la *civilización mesoamericana*. De

8 A famosa fotografia que mostra o banquete oferecido a Villa e Zapata no palácio presidencial quando da entrada vitoriosa de seus exércitos na Cidade do México mostra José Vasconcelos sentado à mesa.

ella proviene lo indio de México; ella es el punto de partida y su raíz más profunda.

Todo escolar sabe algo del mundo pre colonial. Los grandes monumentos arqueológicos sirven como símbolo nacional. Hay un orgullo circunstancial por un pasado que de alguna manera se asume glorioso, pero se vive como cosa muerta, asunto de especialistas o imán irresistible para atraer turismo. Y, sobre todo, se presume como algo ajeno, que ocurrió antes aquí, en el mismo sitio donde hoy estamos nosotros, los mexicanos. [...] No se reconoce una vinculación histórica, una continuidad... (Batalla 2005: 23, grifos meus).

Assim, as narrativas de mesoamérica não estavam no longe nem no precário (como a “Troia de taipa”, Canudos), mas elas estavam no coração do território mexicano e suas obras eram/são monumentais. Claro, no México e no Brasil, o racismo joga um papel importante na narrativa nacional, e o indígena glorificado é o que trabalhou na construção das grandes pirâmides escalonadas que se espalham por mesoamérica, mas não o indígena desaldeado que vive nas *vecindades* ou *barríos* da capital que se erigiu sobre a cidade de (e os lagos que circundavam a) México-Tenochtitlan.

Mas essa diferença do selvagem no Brasil para um civilizado (mesmo que negado) no México é fundamental. Ainda segundo Bonfil:

planteo que los problemas inmediatos [de México], los que hoy nos agobian con su presencia crecida y simultánea, se comprenderán solo aislada y parcialmente [...] si no se enmarcan en el dilema no resuelto que nos plantea la presencia de dos civilizaciones. Porque dos civilizaciones significan dos proyectos civilizatorios, dos modelos ideales de la sociedad a la que se aspira, dos futuros posibles diferentes (Batalla 2005: 9).⁹

De fato, as crônicas existentes da última grande guerra mesoamericana a qual os espanhóis erradamente chamaram conquista,¹⁰ não à toa falam de maravilhas, cidades maiores e mais organizadas que quaisquer cidades europeias à época, pessoas bem vestidas e bem alimentadas, de modo que, de fato, num primeiro momento, a queda de México-Tenochtitlan foi obra de seus inimigos vizinhos, que Cortés soube capitalizar para posterior proveito próprio.

Porque para dar cuenta, muy poderoso señor, a vuestra real excelencia, de la grandeza, extrañas y maravillosas cosas de esta gran ciudad de Temixtitan, del señorío y servicio de este Mutezuma, señor de ella, y de los ritos y costumbres que esta gente tiene, y de la orden que en la gobernanación, así de esta ciudad como de las otras que eran de este señor, hay, sería menester mucho tiempo y ser muchos relatores y muy expertos; no podré yo decir de cien partes una, de las que de ellas se podrían decir, mas como pudiere diré algunas cosas de las que vi, que aunque mal dichas, bien sé que serán de tanta admiración que no se podrán creer, porque los que acá con nuestros propios ojos las vemos, no las podemos con el

⁹ Claro que Bonfil é, assim como Sena, um narrador diferente da maioria no tocante à apreciação do operador dualista, ao qual ambos são críticos.

¹⁰ Ver Gonzalbo et al. (2008).

entendimiento comprender. [...] Esta gran ciudad de Temixtitan está fundada en esta laguna salada, y desde la tierra firme hasta el cuerpo de la dicha ciudad, por cualquiera parte que quisieren entrar a ella, hay dos leguas. Tiene cuatro entradas, todas de calzada hecha a mano, tan ancha como dos lanzas jinetas. Es tan grande la ciudad como Sevilla y Córdoba. Son las calles de ella, digo las principales, muy anchas y muy derechas, y algunas de éstas y todas las demás son la mitad de tierra y por la otra mitad es agua, por la cual andan en sus canoas, [...] (Cortés 1520: s/p.).

Se não estava longe no espaço ou no tempo, a solução do novo estado que se fundava foi desenterrá-la como *monumento*, mas criar uma solução de continuidade com os indígenas de hoje: é o México profundo. E aí os mitemas se ligam às monumentais ruínas que emergem pelo território mexicano e no coração da cidade do México (como já disse, uma das principais características de mesoamérica é a construção de pirâmides escalonadas) e ao indígena, que é o que sobra da civilização desaparecida por decreto (nos dizeres de Bonfil Batalla).

Pode-se dizer que, se no Brasil o sertão está sendo colocado cada vez mais “para longe” (como no já citado texto de Sena & Lima (2005) em que as autoras apontam para o duplo processo de expulsão do território goiano dos atributos do sertão por parte dos goianos e sua atribuição ao Tocantins), no México a mesoamérica é cada vez mais afundada, sepultada e escavada.

(Eterno) retorno (?)

E aí começamos a voltar ao mito pelo caminho da história, pois se, como afirma Lévi-Strauss, o mito é uma maneira de tentar resolver na narrativa uma contradição existente, as narrativas não têm fim enquanto a contradição permanecer.

Sertão e mesoamérica são mitos modernos no sentido em que são frutos da modernidade, fenômeno marcado pela emergência do tráfico atlântico, mas também são contemporâneos. Chama a atenção que no exato coração da cidade do México, maior cidade das Américas, o Templo Maior, o grande templo que era o coração de Tenochtitlan foi redescoberto depois de 400 anos, no terceiro quarto do século XX, pela empresa estatal de eletricidade quando da instalação de cabos subterrâneos. Diferentemente de outras cidades nas Américas que eram capitais ou centros importantes em impérios (como Cuzco), a catedral católica não foi erigida sobre o templo principal, mas ao lado, e o mesmo ocorreu com o palácio presidencial que tem uma rachadura que o atravessa longitudinalmente por ter sido construído sobre um dos muros do recinto cerimonial. Assim, os caminhos subterrâneos da modernidade¹¹ trouxeram novamente à luz esse antigo monumento cerimonial, que hoje se posiciona no vértice de um triângulo formado por ele, a catedral e o palácio presidencial. Ironia maior, a praça que está entre os três, na qual todos os dias um grupo de indígenas “vestidos de indígenas para estadunidense ver” dança e faz *limpias* em quem queira, chama-se Manuel Gamio(!).

11 O colapso temporal desses subterrâneos é sem dúvida representado pelo metrô da Cidade do México e é mais bem visto na estação de Pino Suarez, a qual possui dentro dela uma pirâmide asteca.

No Brasil, a principal obra do governo atual é uma barragem que irá afetar diretamente doze terras indígenas. A barragem leva o nome do povoado onde está sendo construída. É homônimo do povoado comandado por Antônio Conselheiro, possivelmente surgiu através da fuga de pessoas que lograram sobreviver ao massacre que instituiu a república neste país. O antigo povoado original – nas palavras de Euclides da Cunha, exemplo único na história, exterminado até o último homem – já foi há tempos submerso por uma barragem, Cocorobó... no Brasil, matar e afogar; no México, matar e soterrar e escavar.

Esse curioso ciclo de morte e ressurreição é outro conjunto de mitemas em comum de ambos os mitos. Tanto sertão como mesoamérica são o (incômodo) lugar do morto, só que mortos que se recusam a morrer de vez e sempre ressurgem onde não são chamados.

São mortos que clamam na política pelo sopro messiânico de que fala Benjamin e que nas intrincadas relações entre mitos e história deixam rastros memoráveis que gostaria de assinalar através de duas narrativas separadas por quase cinco séculos.

Numa parede no centro histórico da cidade do México, um pequeno mural de azulejos reproduz em Nahuatl e em espanhol o que se considera ser a última mensagem do Tlahtokan (conselho de governo) de Méxihko-Tenochtitlán:

Nuestro Sol se ocultó, nuestro Sol desapareció su rostro y en completa oscuridad nos ha dejado, pero sabemos que otra vez volverá, que otra vez saldrá y nuevamente nos alumbrará.

Pero mientras allá esté y en la mansión del silencio permanezca, muy prontamente reunámonos y estrechémonos y en el centro de nuestro ser ocultemos todo lo que nuestro corazón ama y que sabemos que es gran tesoro.

Destruyamos nuestros recintos al principio creador, nuestras escuelas, nuestros campos de pelota, nuestros recintos para la juventud, nuestras casas para el canto y el juego.

Que nuestros caminos queden abandonados y que nuestros hogares nos resguarden hasta cuando salga nuestro nuevo Sol.

Los papacitos y las mamacitas que nunca olviden guiar a sus jóvenes y hacer saber a sus hijos mientras vivan, cuan buena ha sido nuestra amada tierra Anahuac al amparo y protección de nuestro destino y por nuestro gran respeto y buen comportamiento, confirmados por nuestros antepasados y que nuestros papacitos muy animosamente sembraron en nuestro ser.

Ahora nosotros les encargamos a nuestros hijos cuan buena será, como se levantará y alcanzará fuerza y cuan bien realizará su gran destino esta nuestra amada tierra Anahuac.¹²

A morte de seu mundo e sua ressurreição, explicitadas através das metáforas recorrentes na literatura mesoamericana do sol que se oculta e o sol que renasce (ver, por exemplo, o Popol Vuh), estão aqui diretamente ligadas ao silenciar-se em público para manter a autonomia na vida privada e perpetuar uma memória que está à espera da realização de seu destino.

12 Na parede, ao lado esquerdo do painel, uma mão justiceira escreveu “mother fuckers gringos”.

Essa oscilação também está presente para o sertão. Foi o que também percebeu, olhando de longe, Zizek na introdução à edição brasileira de sua coletânea de textos de Lenin, brindando-nos com a última narrativa que queria apresentar:

A partir de minha limitada ótica europeia, a primeira coisa que me lembro em relação ao Brasil é Canudos, a comunidade fora-da-lei nas profundezas do sertão nordestino, que no final do século XIX foi lar de prostitutas, aleijados, mendigos e bandidos;¹³ enfim, dos mais desgraçados entre os pobres. Canudos, liderado por um profeta apocalíptico, era um espaço utópico sem dinheiro, propriedade, impostos ou casamento; em 1897, foi destruído pelas forças militares do governo brasileiro. Os ecos de Canudos são claramente identificáveis nos bairros miseráveis das megalópoles latino-americanas da atualidade: não seriam eles, de certo modo, os primeiros “territórios libertados”, as células de futuras sociedades auto-organizadas? [...] O território libertado de Canudos, na Bahia, permanecerá para sempre como o modelo de espaço libertado, de uma comunidade alternativa que rejeita completamente o espaço do Estado em vigor. Tudo deve ser defendido neste caso, até o “fanatismo” religioso. É como se, nesse tipo de comunidade, *o outro lado benjaminiano do progresso histórico, o dos derrotados, adquirisse seu próprio espaço*. A utopia existiu ali por um breve período – esta é a única forma de explicar a excessiva e irracional violência que caracterizou a destruição dessa comunidade (*todos* os habitantes de Canudos, mulheres e crianças incluídas, foram massacrados, como se até mesmo a própria lembrança da possibilidade de liberdade tivesse de ser apagada [...]) (Zizek 2005: 17, grifos no original).

Aí temos o mitema do lugar do morto e o mitema da ressurreição, cruzando ortogonalmente os mitemas da existência da utopia e da liberdade e o da destruição total e final que nunca se completa. Curiosamente também, esta narrativa de Zizek evoca em mais de um sentido a citação de Lévi-Strauss com que comecei o texto, pois o episódio de Canudos se torna uma “sequência de acontecimentos passados, mas também esquema dotado de eficácia permanente, permitindo interpretar a estrutura social da França atual [no nosso caso, do Brasil], os antagonismos que nela se manifestam, e entrever os lineamentos da evolução futura”. É possível que Zizek não saiba que o nome favela dado aos bairros pobres brasileiros seja uma referência ao lugar onde se erigiu a troia de taipa, o morro da Favela (planta urticante comum na caatinga) – lugar onde hoje se exerce a violência estatal de forma cotidiana e legitimada, lugar onde a fronteira aproximou-se ao máximo, colocando em colapso o mitema do sertão longínquo.

Talvez os mitemas relacionados à sempre derrota do sertão e de mesoamérica em oposição à sua sempre ressurreição sejam aqueles que mais vezes são encenados nos dramas históricos desses dois países.

13 O mitema “lugar de foras-da-lei” é outro que merecia ser discutido, mesmo porque é também invertido em relação a mesoamérica: os jagunços, anteriormente sinônimo de trabalhadores sem-terra, são ressignificados no Brasil no episódio de Canudos e na tradição coronelista que se seguiu, sendo essa ideia replicada de volta na apreciação atual da imprensa e elites sobre o MST; no caso mexicano, o lugar dos *bandoleros* é a aridamérica, a região ao norte de (e oposta a) mesoamérica que inclui a terra usurpada pelos EUA na guerra de 1847; a partir disso, pode-se pensar a ambiguidade da apresentação de Pancho Villa, muitas vezes apresentado como um antigo salteador que se tornou herói revolucionário.

Assim, em 1988 uma fraude eleitoral elegeu Salinas de Gortari, do PRI, e derrotou Cuauhtémoc Cárdenas, candidato do PRD. Mas, para entender o que isso significou, devemos saber que esta pessoa era filho do mais importante presidente da revolução mexicana, Lázaro Cárdenas, quem fez a reforma agrária, nacionalizou o petróleo e o sistema de transporte por trens. Contudo, Cuauhtémoc, “a águia que pousa” em Nahuatl, era o nome do filho de Montezuma e foi o último Tlatoani (governante asteca), barbaramente torturado por Cortés em uma sólida casa que até hoje existe e onde funciona a subprefeitura de Tlalpan. Em 2014, as eleições para presidente no Brasil tiveram como duas principais adversárias no primeiro turno uma ex-guerrilheira urbana filha de imigrantes europeus e uma ex-seringueira, uma cabocla, uma mulher vinda da floresta, filha de participantes da guerra da borracha e que se tornou conhecida pela luta contra o desmatamento.

Mas em 1º de janeiro de 1994, quando o mesmo Salinas de Gortari planejava fazer a festa de entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio da América do Norte, um exército de indígenas com rostos cobertos ocupou 34 cidades no Estado de Chiapas, fazendo conhecido o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Resta perguntar o que vem a nós nas futuras narrativas do sertão.

Epílogo

Comecei este texto com dois mitos de dois países e assim gostaria de terminá-lo. Contudo, uma questão que não deixei clara durante o percurso, mas que agora parece possível de ser retirada como às da manga, é que o que se viu no caminho, seguindo os qualificativos presentes nos diversos mitemas, foi sertão e mesoamérica podendo ser analisados também como funções a partir das quais se percebe o tempo, o espaço e outras categorias. Além disso, curiosamente, um torna-se a dupla torção do outro.

Como se sertão e mesoamérica em algumas dessas relações se colocassem frente a frente como o início e o fim da fórmula canônica levistraussiana do mito:

$$\frac{fx(a)}{fy(a)} \approx \frac{fy(b)}{f^{b-1}(x)}$$

Por exemplo: a função mesoamérica do tempo está para a função sertão do tempo da mesma forma que a função sertão do espaço está para a função inversa do espaço (a profundidade) de mesoamérica.

Sendo, portanto, essas duas partes de um mito maior – da conquista, colonialismo e modernidade –, mas isso é uma trilha para ser seguida em outro lugar. Fica aqui apenas a pista. Como as velas que Riobaldo Tatarana manda acender em diversos lugares, palmilhando o sertão com os frágeis e luminosos índices de seus tormentos.

Referências

- ANDERSON, Benedict. 1983. *Imagined communities*. London: Verso.
- BHABHA, Homi. 2010. *Nación y narración*. Buenos Aires: XXI.
- BÁEZ LANDA, Mariano. 2011. *Indigenismo y Antropología. Experiencia disciplinar y práctica social*. Biblioteca Universidad Veracruzana: Xalapa.
- BATALLA, Guillermo Bonfil. 2005. *México Profundo*. Cidade do México: DeBolsillo.
- CANDIDO, Antonio. 1967. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional.
- CHATTERJEE, Partha. 1986. *Nationalist Thought and the Colonial World: a Derivative Discourse*. London: Zed Books.
- _____. 1993. *The Nation and its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*. Princeton: Princeton University Press.
- CORTÉS, Hernán. [1520]. *Segunda carta-relación de Hernán Cortés al Emperador Carlos V*. Disponível em: <<http://www.staff.uni-mainz.de/lustig/texte/antologia/cortes.htm>>. Acesso em: 29 set. 2016.
- CUNHA, Euclides da. 1984. *Os Sertões*. São Paulo: Três. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.
- GALVÃO, Walnice. 2001. *O império de Belo Monte*. São Paulo: Perseu Abramo.
- GARCÍA, Ignacio Rodríguez. "Presentación". *Dimensión Antropológica*, 7(19):7-13.
- GONZALBO, Pablo E. et al. 2008. *Nueva historia mínima de México*. México: Colmex. Disponível em: <<http://www.colmex.mx/pdf/historiaminima.pdf>>.
- HALL, Stuart. 1995. *A questão da identidade nacional*. Campinas: IFCH-Unicamp. Textos Didáticos, n. 18.
- HOBBSAWM, Eric. 1990. *Nations and Nationalism since 1780: programme, myth, reality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JAMESON, Fredric. 1992. *O Inconsciente Político*. São Paulo: Ática.
- KIRCHHOFF, Paul. 2000. "Mesoamérica". *Dimensión Antropológica*, 7(19):15-32. Disponível em: <<http://www.dimensionantropologica.inah.gob.mx/?p=1031>>. Acesso em: 29 set. 2016.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário.
- QUIJANO, Aníbal. 2005. "Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina". *Estudos Avançados*, 19(55):9-31.
- SENA, Custódia Selma. 2003. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: UFG.
- SENA, Custódia Selma; LIMA, Nei Clara. 2005. "Regiões e regionalismos". In: Ana Maria Moura & Nelson de Sena Filho (orgs.), *Cidades*. Goiânia: Vieira.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. 2014 [1965]. "Sete teses equivocadas sobre a América Latina". *Sociedade e Cultura*, 17(1):159-169.

SUAREZ, Mireya. 1998. "Sertanejo: um personagem mítico". *Sociedade e Cultura*, 1(1):29-39.

TAUSSIG, Michael. 1995. *Un gigante en convulsiones*. Barcelona: Gedisa.

TRUEBA, Cesar Carrillo. 2009. *El racismo en México*. México: Conaculta.

ZIZEK, Slavoj. 1999. *Um mapa da ideologia*. São Paulo: Boitempo.

_____. 2005. *Às portas da revolução*. São Paulo: Boitempo.

Recebido em 15 abr. 2015.

Aceito em 10 ago. 2015.